



**INSTITUTO DE HUMANIDADES**  
**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

AMADÚ SAICO BALDÉ

**PRECONCEITO E ISLÃO: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE  
COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA  
IMAGEM DO ISLÃO NOS PÓS-ATENTADOS**

REDENÇÃO – CE

2018

AMADÚ SAICO BALDÉ

**PRECONCEITO E ISLÃO: INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE  
COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA  
IMAGEM DO ISLÃO NOS PÔS-ATENTADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto do Curso de Bacharelado em interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante

REDENÇÃO- CE

2018

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida, saúde e oportunidade que me deu de estudar numa universidade pública.

Agradeço os meus pais que sempre trabalharam com suor para me dar sustento, vestimenta e sustentar meu estudo. Obrigado papa por ser aquele pai que lutou arduamente para me dar a vida que nunca teve (*on djáráma Báhbaen, yo alidjâna honu wedhêmon*).

Agradeço o meu orientador professor Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante, pela paciência e as nobres orientações. Pois, escrever nunca foi tão fácil para mim, por isso, lhe devo inúmeros obrigados.

Agradeço o meu irmão (coto Bali), pessoa em quem eu me espelho por ser aquele mano dedicado que me ensinou muitas coisas na vida e sempre me apoiou. Também agradeço o meu primo (Lamarana) pela nobre contribuição que deu na minha vida acadêmica.

## **RESUMO:**

O presente projeto pesquisa, objetiva compreender a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores/a do islamismo após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e do ataque a Charlie Hebdo em 07 de janeiro de 2015. Por isso, pretende-se analisar conteúdos de duas instituições midiáticas, nomeadamente a TV Globo e a Folha de São Paulo, a fim de identificar as representações associadas ao islão e a seus/as adeptos nos diferentes episódios expostos nessas notícias e verificar os possíveis estereótipos veiculados nessas notícias a respeito do Islão e os/as seus/as adeptos/as. A pesquisa será de caráter qualitativo, nos primeiros momentos, será construída metodologicamente através de uma pesquisa bibliográfica, isto é, se baseará nos diferentes livros, revistas, teses, monografias e artigos ligados a essa temática. Em seguida, com o intuito de concretizar, na prática, cada um dos objetivos propostos, serão analisados através do método da Hermenêutica de Profundidade (HP), os conteúdos midiáticos que abordaram acerca do Islamismo e dos/as seus/as adeptos/as, após os atentados terroristas de 11 de setembro e de 15 de janeiro. Serão coletados para a análise as matérias disponíveis até nos dias atuais para público nos sites das duas instituições midiáticas supracitadas. Espera-se que o presente projeto, assim como a posterior pesquisa, será de imenso valor para as pesquisas futuras. Visam proporcionar uma compreensão apurada de como a mídia pode servir como um dos elementos de suporte para a colonialidade de poder e de saber no mundo contemporâneo e possibilitar as pessoas a terem informações suficientes, eficazes para que possam posicionar-se da melhor maneira nas suas análises e para poderem tirar ilações eficientes nos assuntos relacionados ao terrorismo, a mídia e a religião islâmica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Islão, Mídia, Preconceito, Colonialidade, Estereótipo

## LISTA DE SIGLAS

CGP- Central Globo de Produção

EI- Estado Islâmico

EUA- Estados Unidos da América

FEPAL- Federação Árabe Palestina do Brasil

HP- Hermenêutica de Profundidade

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MW- (Megawatt), é uma unidade de medida correspondente a  $10^6$  watts que é a unidade de potência do sistema internacional de unidade (SI).

TV- (Televisão) Instituição Televisiva

ONU- Organização das Nações Unidas

UNESP- Universidade Estadual Paulista

UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasil

USP- Universidade de São Paulo

UOL- (Universo Online), é uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet do conglomerado Grupo Folha.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....  | 07 |
| <b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....   | 12 |
| <b>3. OBJETIVOS</b> .....   | 16 |
| <b>3.1. OBJETIVO GERAL</b> .....  | 16 |
| <b>3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....   | 16 |
| <b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....   | 17 |
| <b>4.1. HISTÓRIA DO ISLAMISMO: SURGIMENTO E EXPANSÃO</b> .....                          | 17 |
| <b>4.2. A COMUNIDADE ISLÂMICA NO BRASIL: Estereótipo, XENOFOBIAS/ISLAMOFOBIAS</b> ..... | 21 |
| <b>4.3. MÍDIA COMO ELEMENTO DE SUPORTE PARA COLONIALIDADE DE PODER</b> .....            | 26 |
| <b>4.4. ALGUNS RELATOS HISTÓRICOS DA MÍDIA</b> .....                                    | 29 |
| <b>4.4.1 A TV GLOBO</b> .....   | 33 |
| <b>4.4.2 A FOLHA DE SÃO PAULO</b> .....   | 35 |
| <b>5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....   | 36 |
| <b>6. REFERÊNCIAS</b> .....   | 41 |

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente projeto de pesquisa, cujo tema é “Preconceito e Islão: influência dos meios de comunicação na construção e apresentação da imagem do islão nos pós-atentados”, vem de uma inquietação pessoal, com o intuito de Compreender a imagem do Islão construída pela mídia após os atentados de 11 de setembro de 2001 e do ataque a Charlie Hebdo em 2015.

Depois de ter constatado nos dois últimos anos, pelas ruas da cidade de Fortaleza (Brasil), comportamentos preconceituosos, de certas pessoas contra os/as adeptos/as do Islão quando usam os trajes Árabe “túnicas” no caso dos homens e os “véus” no caso das mulheres. E, devido uma longa conversa que tive com um colega de faculdade, sobre a existência ou não de uma certa relação simétrica entre o terrorismo e o islamismo, como estudante de Ciências Humanas, decidi realizar este trabalho. Partindo dessa conversa, suponho que possivelmente estes tratos são influenciados pelos meios de comunicação.

Porque, a não distinção por exemplo, entres a religião Islâmica e o Estado islâmico, ainda, quando não é dado uma classificação clara sobre o islão, e acima de tudo a não contextualização do islamismo dentro do corpo das notícias, podem contribuir para interpretações erradas que colocam o islão e o Estado Islâmico no mesmo saco. Contribuindo assim, para uma imagem equivocada da religião, levando dessa forma, as pessoas a não fazerem distinção entre o Islão e o estado Islâmico (ALVES, 2016).

Sendo assim, uma vez que a “informação e comunicação são noções que remetem a fenômenos sociais, as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas para integra-las em suas diversas lógicas-econômica [...], tecnológica e simbólica” (CHARAUDEAU, 2010, p.15). Desse modo, dada a grande visibilidade que as instituições midiáticos possuem no mundo contemporâneo, elas podem ser formadoras de opiniões. E, quando essas opiniões são mal interpretadas, elas podem criar ou reforçar estereótipos, e ao mesmo tempo produzir preconceitos.

Desta forma, o problema fundamental desse projeto é compreender qual é a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores do islamismo nos pós-atentados? Em específico, os do World Trade Center, nos Estados Unidos de América (E.U.A), em 11 de setembro de 2001 e o do ataque a Charlie Hebdo, ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Escolher esses dois momentos de tensão vem do pressuposto de que esses atentados terroristas fazem parte dos que tiveram uma grande repercussão nas mídias, por serem um dos mais calamitosos do mundo contemporâneo.

Porque, no mundo contemporâneo, os meios de comunicação hegemônicos e a grande parcela dos dispositivos audiovisuais, são as principais redes de mediações que atualizam e sustentam a colonialidade em todos os sentidos, transmitindo e retransmitindo diferentes assuntos alienadores, através da colonialidade de ver (LEÓN, 2012).

Sublinha ainda León (2012), que hoje em dia, estamos vivendo num período marcado pela a era das comunicações, cultura visual, capitalismo cognitivo, indústrias culturais, incorporação, tecnologias de imagem e ainda sobretudo num âmbito da globalização. Pois, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, contribuiu bastante no sistema da transmissão de informações, facilitando assim o crescimento das novas formas da colonialidade de poder, de saber e de ser.

Desse modo, através da leitura do trabalho do Paulo Cesar Corrêa Alves (2016), constato que as formas de colonialidade, vêm se intensificando desde o século XIX, quando aconteceu um crescimento notável e um avanço significativo das empresas de comunicação, devido ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia o que possibilitou um progresso no mercado das notícias.

No Brasil, a criação e a implementação de meios de comunicação que vão facilitar e atingir largas extensões populacionais intensificaram-se com a vinda da Família Real portuguesa para o país, concretamente no Rio de Janeiro, no dia 07 de março de 1808. Neste mesmo ano, no dia 10 de setembro foi fundada a Gazeta de Rio, primeiro jornal impresso e primeiro institucional a circular no território nacional. Já no abril de 1891, surge o jornal do Brasil, fundado por Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco, com o intuito de defender as suas posições e os seus pontos de vista, por estarem fortemente ligados as causas abolicionistas e republicanas. Ainda, por volta de 1894, foi fundado o Jornal A. Tribuna de Santos (MIRANDA, 2007).

Nesse contexto, constato que desde muito cedo, as instituições midiáticas já apresentavam uma certa relação política. Sendo assim, por questões ideológicas/políticas os jornais podem apresentar parcialidade desde a redação dos textos das informações que posteriormente vão noticiar.

Diante disso, a minha grande preocupação com a questão da neutralidade nas formas de midiatização no mundo contemporâneo, surge desde o ataque contra a World Trade Center, somado com as decapitações divulgadas na internet por parte do Estado Islâmico (EI) em 2014, e do ataque a Charlie Hebdo no início de 2015. Pois, desde então a visibilidade acerca do mundo islâmico e do islamismo intensificou-se com as diferentes filmagens dos atos terroristas que foram levados às mídias internacionais (ALVES, 2016).

Nos dias atuais, qualquer acontecimento terrorista no mundo, segundo Alves (2016), sempre há diversas formas de midiaticização, as televisões, jornais digitais e impressos, e a internet, dão grande destaque acerca do acontecimento e produzem certos discursos a respeito do mundo islâmico. Assim, o islamismo passa a ser colocado no centro das questões nos noticiários mundiais. Desse modo, constato que possivelmente, há uma certa generalização de modo como são transmitidas as notícias, quando se fala do terrorismo em associação ao Islão.

O grande problema, como salienta Bucaille (2012), é que a falta de literatura especializada, que concerne ao entendimento sobre a religião Islâmica é uma das principais razões que faz com que essa crença religiosa continue a ser pouco conhecida no Brasil, assim como no mundo ocidental. A razão disso, leva muitas pessoas, em diversas partes do mundo, a cair num grande equívoco, chamando o Islão de Maometismo, que significa a religião do Maomé, em vez do seu verdadeiro significado que é submissão a Deus. Isso porque, a maioria das informações referente ao assunto são, muita das vezes, difundidas por meio dos estereótipos, que de certo modo revelam mais a ignorância do que conhecimento do assunto.

A atenção que a mídia tem sobre o mundo árabe não é dos dias atuais. O mundo islâmico tem tido uma grande notoriedade em vários casos na imprensa internacional. Conforme Alves (2016), desde a década de 1970, o Oriente Médio, predominantemente habitado pelos/as adeptos/as do Islão, sempre teve um grande destaque nas mídias internacionais, principalmente na grande imprensa ocidental. Midiaticizavam diferentes situações acerca do Israel com os países Árabes mais próximos, ou seja, países que fazem fronteira terrestre com o Israel, ou informando sobre a guerra de Kuwait, dos anseios de George W. Bush pelo petróleo árabe, da Revolução Iraniana e da guerra entre o Irão e o Iraque.

Na esfera social e na política mundial, as coisas tornaram-se mais intensas, após os atentados terroristas de 11 de setembro contra o World Trade Center em 2001. Pois, esse sucedido gerou uma “crise político-internacional” (ALVES, 2016, p.10). Assim, a colocar o Islão em difusão nos diferentes serviços noticiosos à volta do mundo. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, jornais impressos e internet, emitiram o episódio com um grande destaque produzindo alguns discursos em torno do complexo mundo islâmico.

Segundo, Jeronimo (2016), mesmo sendo rejeitada pelas Organizações Internacionais de Direitos Humanos a associação entre extremismo religioso, terrorismo

e Islão, é o que se tornou quase um lugar-comum nos dias atuais. Muitas pessoas acabam caindo na tentação essencialista de identificar a violência como uma característica necessária de algumas religiões ou da religião em geral. Ainda, ele salienta que mesmo estando em vigor a resolução n-06/37 das Nações Unidas (ONU), de 14 de dezembro de 2007, no que diz respeito a erradicação de todas as formas de intolerância e discriminação fundamentadas na religião ou crença, mesmo assim, as tais lamentáveis situações continuam sendo visíveis na nossa sociedade.

A partir de então, segundo a Federação Árabe Palestina no Brasil-FEPAL no mapa da Intolerância Religiosa de 2011, os casos de intolerância religiosa sofridos pela comunidade muçulmana no Brasil são muitos e constantes. Perante o exposto, terei como um dos principais focos, compreender a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores do islamismo nos pós-atentados, posteriormente examinarei também a influência da mídia na apreciação da população brasileira a respeito do islamismo e identificarei o modo como ela retrata a situação de muçulmanos nos contextos relacionados aos pós-atentados.

Assim sendo, de acordo com algumas realidades sociais e de várias informações que passaram nos diferentes programas midiáticos após o atentado terrorista contra o World Trade Center e do ataque a Charlie Hebdo, pude notar que um dos grandes problemas que os adeptos/as do islamismo enfrentam no mundo contemporâneo são, as islamofobias, as xenofobias, os preconceitos, as discriminações e os estereótipos. Isso porque, no nosso cotidiano a intolerância religiosa, segundo Viegas (2016), manifesta-se em pequenos conflitos, como por exemplo, quando se desqualificam outras pessoas por apenas não pensarem do mesmo de quem as desqualifica. Ou seja, quando um indivíduo se assume o direito de assinalar e tratar a crença do outro de forma difamatória e pejorativa.

As disseminações de tais ações tornam-se cada vez mais quotidianos. O pior é que, em alguns casos, os contextos acima referenciados geram conflitos. Perante esse pressuposto, será escolhido para análise os conteúdos de duas instituições midiáticas, nesse caso, a TV Globo (televisão brasileira) e a folha de São Paulo (impresso). Portanto, com o intuito de constatar o que esses meios nacionais comunicaram durante esse período de tensão e de grandes agitações. Será analisado conteúdos dessas duas plataformas midiáticas supracitadas, nomeadamente: a TV Globo (televisão brasileira) e a folha de São Paulo (impresso), especificamente as matérias midiaticizadas durante os dias 11, 12 e 13 de setembro de 2001: dia do sucedido e os dias seguintes do ataque contra o World

Trade Center. Também, os conteúdos dos dias 07, 08 e 09 de janeiro de 2015: dia do ataque ao semanário Charlie Hebdo e os dias seguintes.

## 2. JUSTIFICATIVA

Durante o curso do Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-Brasileira-UNILAB. Constatei que, já foram levantados nas áreas das ciências Sociais e Humanas principalmente na (Psicologia, Filosofia e sociologia), várias preocupações e questionamentos a respeito dos diferentes comportamentos e das ações humanas.

Nesse contexto, o ensejo de trabalhar esse assunto, vem de muitos anos atrás, e, se intensificou nos meus primeiros momentos aqui no Brasil, especificamente num dia em que eu estava conversando com um colega de turma, nas mediações da Universidade. Durante a conversa ele me perguntou sobre a minha convicção religiosa, eu o respondi que eu sou MUÇULMANO, ele replicou com uma certa surpresa e disse que sou o primeiro Muçulmano que ele conheceu.

Logo, em seguida me perguntou: você também é terrorista? Ele com um sorriso no rosto, num tom aparentemente de brincadeira, mas que, no meu entender, não passa de uma ideia com uma lógica pejorativa e de discriminação. Pois, uma coisa ou assunto pode ser que é brincadeira para você, enquanto que, para outro, é dor e sofrimento que lhe deprime, lhe tortura, lhe faz chorar e sangrar por dentro todos os dias. Antes de responder à questão que me fez, perguntei lhe: porquê? Ele simplesmente respondeu que tendo em conta as informações veiculadas pela mídia percebe-se que existe certa relação simétrica entre o terrorismo e o islamismo.

Um exemplo semelhante da justificativa desse colega, pode ser encontrada também na fala do presidente do Conselho de Ética da União Nacional das Entidades Islâmicas do Brasil, Xeique<sup>2</sup> Jihad Hassan Hammadeh. Porque, durante a sua fala que se encontra arquivada no mapa da intolerância Religioso-2011, ele enfatiza sobre essa relação. Ele aponta a “desinformação” como a maior causa do problema no aumento de casos de preconceito contra os/as adeptos/as do Islão, ele salienta que o islão "Apesar de ser uma das religiões com mais adeptos no mundo, no Brasil o islamismo ainda é desconhecido" (MAYARA, 2011, p.82).

Em várias situações como enfatiza o Gomes (2012, apud ALVES, 2016, p.40), “o poder simbólico da geografia atual põe o muçulmano como o subalterno, o inferior, o arcaico, o primitivo, e muitas vezes o demoníaco”.

---

<sup>2</sup> Líder muçulmano de um país, de uma cidade, de uma região, cultura ou tribo; indivíduo muçulmano que conseguiu respeito por possuir um amplo conhecimento acerca do Islão.

Ainda, durante a leitura do mapa da intolerância religiosa de 2011, constatei que aconteceu vários casos de discriminação por causa do estereótipo e preconceito, contra os/as adeptos/as do islão, no país.

Há situações como por exemplo, da Letícia Rodrigues Cavalcante, radialista, de 23 anos, moradora de Diadema<sup>3</sup>, que converteu à religião Islâmica, sublinha que, apesar de nunca ter sofrido ainda agressões físicas, já sentiu na pele o preconceito, desde que converteu, “Já fui alvo de risadas e olhares diferentes por causa do véu, as vezes, quando passo também escuto barulho de bomba ou sou chamada de terrorista” disse a mesma, ela enfatiza ainda que, conhece casos de mulheres que tiveram os seus véus arrancados por agressores na rua, para esta radialista, essas intolerâncias são geradas por causa do desconhecimento (MAYARA, 2011, p.82).

O sentimento e o dor profundo que os/as crentes da religião islâmica sofrem, pode até soar em certos momentos como uma certa ofensa, por causa dos frequentes desrespeitos e provocações originados pelo grande preconceito por alguns indivíduos, devido algumas perguntas acompanhadas de críticas injustificáveis e vários indiretos que se enfrentam na vida quotidiana. Isso pois,

São muitos e frequentes os casos de intolerância religiosa sofridos pela comunidade muçulmana no Brasil [...] sua vinculação generalizada ao terrorismo, as vestimentas das mulheres, seu padrão de comportamento e a forma como são relatados pelos veículos de comunicação (MAYARA, 2011, P.88).

Diante desses fatos, cresce a minha preocupação em Identificar que tipo de representações são associadas ao islão e a seus adeptos nos diferentes episódios expostos nas notícias e verificar os possíveis estereótipos veiculados nessas notícias a respeito do Islão e os/as seus/as adeptos/as.

Entretanto, o presente projeto de pesquisa justifica-se em várias dimensões, sejam elas: Acadêmicas, políticas e sobre tudo sociais.

Porque, a discriminação chega até nos locais do trabalho, de acordo com o coordenador do Centro de Divulgação do Islã para a América Latina Ziad Ahmad Saifi, “quando algumas irmãs se convertem, muitas vezes são convidadas a se retirarem da empresa por causa do uso do véu” (MAYARA, 2011, p.82).

---

<sup>3</sup> Diadema integra a Região Metropolitana de São Paulo, formada por 39 municípios e está inserida na região do Grande ABCD, composta por sete cidades.

Sendo assim, segundo o professor do Departamento de Filosofia da USP (Universidade de São Paulo) Vladimir Pinheiro Safatle, entrevistado por Mayara (2011), situações como essas devem ser resolvidas pela polícia. Porque,

É um problema gravíssimo, deve ser denunciado para os culpados serem punidos", disse. Safatle acredita que o preconceito pode ser explicado pela forma como o islamismo é apresentado na imprensa. A imagem da religião muçulmana é associada ao terrorismo e a população acaba descontando nas pessoas próximas (MAYARA, 2011, p.83).

Dada as situações como as que se encontram no parágrafo anterior, onde já é polícia, ou outras instancias estatais, que vão resolver as diferentes situações dos/as adeptos/as do islão no País. Dá para constatar que, o presente projeto assim como a pesquisa que realizarei posteriormente vão ser importantes no contexto político nacional, darão uma grande contribuição, pois vão servir de elementos informadores e eficazes que facilitarão os atores políticos nas discussões sobre os dilemas religiosas, permitindo assim, adoção de algumas políticas públicas para supera-los, uma vez que o Brasil é um estado laico.

Ainda, “o professor da USP lembra que constantemente o islamismo é visto pela sociedade como uma religião opressora” (MAYARA, 2011, p.83). Sendo assim, no nível social, proporcionará para a sociedade uma visão mais apurada no que diz respeito ao Islamismo e os/as adeptos, questões que outrora foram tratadas apenas superficialmente devido a profundidade que farei durante o estudo.

Devido aos diferentes casos de discriminação e preconceito contra os/as adeptos/as do Islão, que aconteceu no país, principalmente nos dias a seguir dos maiores atentados terroristas dos dias atuais, o trabalho contribuirá dentro da sociedade brasileira e não só, na dissociação da imagem tipicamente conhecida do muçulmano “terrorista”, do muçulmano religioso que cumpre com os seus deveres na sociedade, e respeita às leis de qualquer país onde ele se encontra. Assim, o trabalho auxiliara em tornar o islão mais conhecida.

No âmbito acadêmica, o presente trabalho possui uma grande importância, dada a escassez da bibliografia sobre esta temática. No entanto, ele servirá de um suporte bibliográfico para as futuras produções acadêmicas: artigos, ensaios, resenhas, projetos de pesquisa e seminários voltados a esse assunto. Proporcionará aos indivíduos, visões para compreender que a mídia pode servir como elemento de suporte para colonialidade de poder e de saber.

Espera-se que o presente projeto de pesquisa vai proporcionar uma compreensão mais apurada acerca do Islão, e que o trabalho vai dar uma grande oportunidade para um maior aprendizado sobre os diferentes grupos terroristas, possibilitando assim as pessoas a terem informações suficientes, eficazes para que possam posicionar-se da melhor maneira nas suas análises e para poderem tirar ilações eficientes nos assuntos relacionados ao terrorismo e a religião islâmica. Ainda, que este trabalho seja de imenso valor para as futuras pesquisas.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. OBJETIVO GERAL**

Compreender a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores/a do islamismo após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e do ataque a Charlie Hebdo em 07 de janeiro de 2015;

#### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Descrever os episódios noticiados na TV Globo e Folha de São Paulo sobre o islão e os seus adeptos após esses atentados;
- Identificar as representações associadas ao islão e a seus/as adeptos nos diferentes episódios expostos nessas notícias;
- Verificar os possíveis estereótipos veiculados nessas notícias a respeito do Islão e os/as seus/as adeptos/as;

## 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o intuito de realizar uma breve abordagem teórica, e, fazer uma organização eficaz da fundamentação teórica do presente projeto, como forma de ajudar o/a leitor/a na compreensão global do trabalho. discutirei na fundamentação as sessões que estão estruturadas de seguinte forma: nos primeiros momentos, contextualizarei o Islamismo mostrando brevemente o seu surgimento e a sua expansão; no segundo momento, destacarei a comunidade Islâmica no Brasil abordando acerca do estereótipo e as xenofobias/islamofobias; na terceira parte, tratarei da mídia como sendo um elemento de suporte para a colonialidade de poder; a quarta parte, tratará de alguns relatos históricos da mídia ; e, por último, farei uma breve contextualizarei/caracterização da TV Globo e a Folha de São Paulo.

### 4.1. HISTÓRIA DO ISLAMISMO: SURGIMENTO E EXPANSÃO

No presente capítulo o meu principal propósito, é fazer uma breve apresentação do Islão, uma religião monoteísta que, segundo Manuel Rodrigues (1980), se desenvolveu na Península Arábica entre os anos 610 e 632 d.C. (depois de Cristo).

Porém, em primeiro lugar, sabendo que abordar o tema religião ou algo concernente a ela não é algo simples, porque ao falar e refletir sobre esse assunto, aparece, na maioria das vezes, questões que dizem respeito à nossa própria existência. Antes de tudo, portanto, parto do pressuposto ou noção de que a religião é “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos” (SILVA, 2004, p.04).

Sendo assim, nesse contexto suponho que ela tenha existência desde os nossos antepassados, principalmente desde o momento que começaram a viver em grupo. Porque, de acordo com alguns dados da pré-história, os homens, sempre procuravam certas pessoas que consideravam sábios e possuidoras de conhecimentos sobrenaturais, para lhes explicar e sugerir soluções de tudo que ultrapassava as suas compreensões.

Por exemplo, de acordo com Burns (1966), foram encontrados nos vestígios arqueológicos a presença de vários utensílios, dentro das sepulturas dos mortos, esses tipos de práticas podem justificar a existência dos ritos dos seres humanos que viveram

antes de nós. Como forma de despedir dos defuntos, os Neandertais praticavam alguns tipos de ritos, “enterrando-os em sepulturas rasas junto com utensílios e outros objetos de valor. Isso indica, talvez, o desenvolver-se de um sentimento religioso, ou pelo menos a crença em alguma espécie de sobrevivência depois da morte” (BURNS, 1966, p.22).

Depois de muitos anos, segundo o Burns (1966), pouco a pouco evolui a humanidade, de mesmo modo também evolui as formas e as práticas rituais. Rapidamente, surge a formação das poderosas instituições religiosas, os patriarcais ou do Faraó, que passaram a exercer um poder regulamentar na sociedade.

Desde então, até nos dias atuais, passou a surgir inúmeras religiões no mundo. Apesar que, devemos tomar grande cautela para não julgar que existem grandes e pequenas religiões. Conforme Silva (2004), passou a existir quatro principais religiões, ou seja, hoje em dia, existem quatro com mais adeptos no mundo contemporâneo que são: Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo e Budismo. O Cristianismo que contem mais adeptos é seguido de perto por Islamismo, que é o segundo na lista das religiões mais seguidas (SILVA, 2004).

Não é a minha intenção fazer uma análise substancial dessas quatro maiores congregações religiosas, ou seja, abordar detalhadamente, o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo. Contudo, mencionei elas como forma de ajudar o leitor na compreensão global do trabalho, tendo em conta as relações existentes entre elas em dadas situações. E, até porque, na maioria das vezes, o enfoque sobre estas crenças mais presentes nos estudos e nas mídias, acaba invisibilizando as outras que nem sempre são retratadas, como as dos povos ameríndios e afro-brasileiros.

Em seguida, uma vez que o islamismo é a principal questão nesse capítulo, vou circunscrever o meu foco a esta religião monoteísta que surgiu a partir do século VII numa zona conhecida hoje como Arábia Saudita. O Islamismo ou simplesmente Islão é uma palavra de origem Árabe que significa literalmente, de acordo com Rodrigues (1980), submissão ou rendição.

No ano 570 d.C. nessa zona que atualmente é conhecida como Arábia Saudita, concretamente na cidade de Meca, nasce o Mohamed. Depois de muitos anos, cerca de quarenta anos após o seu nascimento, ele começa a fazer rituais que duravam longos períodos de meditação, durante esse tempo ele passou a dizer que estava a ter visões nas quais o anjo Gabriel o visitava. E, ao mesmo tempo afirmava que anjo Gabriel lhe mostrava as escrituras que hoje em dia conhecidas com o nome de Corão ou Alcorão,

também lhe dizia que tinha que recitá-las para assim ensinar a seus seguidores (KAMEL, 2007).

Nos primeiros momentos, o Islamismo como sendo uma nova crença contava com pouco número de adeptos/as em relação as diversas Religiões que existiam na altura entre os povos árabes, era seguida apenas, por a Cadija esposa do Moamé, seu filho adotivo e outros membros da família (RICHARDSON, 2015).

No ano 622, o Moamé foge de Meca para Yatrib atualmente conhecido como a cidade de Medina, pois estava sendo perseguido pelos Coraixitas que são as tribos que habitavam a região litorânea e viviam do comércio fixo. Essa data ficou conhecida como a hégira que significa retirada. Na Medina ele teve um grande apoio de outros comerciantes que lhe ajudou a conquistar a cidade de Meca e organizar expedições para toda a Arábia central (COGGIOLA, 2007).

O islão determina cinco principais pilares para todos/as seus/as adeptos/as. Dentre eles quatro são obrigatórios e um condicionado são: o (Shahada) que é corroborar que não há divindade além de Deus e testemunhar que Maomé é seu profeta e mensageiro, o (Salat) a prece que cada um/a muçulmano/a deve realizar cinco vezes em horários diferentes durante o dia, o (Zakat) que é o oferecimento em todos os anos da esmola ritual, o (Saum) que é o jejum que todos/as muçulmanos/as realizam durante o Ramadão nono mês do calendário islâmico, o quinto e último é (Hajj) a peregrinação a cidade de Meca, que cada um muçulmano/a com condições físicas e econômicas deve cumprir pelo menos uma vez na vida (RODRIGUES, 1980)

Após a morte do Moamé em 632 d.C., segundo o Ali Kamel (2007), surge dois grandes grupos entre os/as muçulmanos/as, que são os Xiitas e os Sunitas, devido a luta pela sucessão do profeta. Porque, para os Sunitas o Moamé nunca indicou o seu sucessor, enquanto que, para os Xiitas ele teria deixado bem claro que o Alí seu primo e cunhado esposo da sua filha Fátima, deveria ser o seu sucessor<sup>4</sup>.

Porém, mesmo com a divergência, isto é, a divisão entre os Islâmicos em dois grandes grupos, os Xiitas e os Sunitas o Islamismo uma vez religião missionária, ela cresceu constantemente devido vários motivos, que não vou poder destacar todos aqui para não estender muito dada à natureza do presente trabalho.

Segundo o Osvaldo Coggiola (2007),

---

<sup>4</sup> Ver com mais detalhe o livro do: KAMEL, Ali. **Sobre o Islão: a afinidade entre os muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

o ministério da Coexistência Religiosa da Arábia Saudita concedeu 10 bilhões de dólares anualmente para instituições de propagação do Islã no mundo. Um deles, a Zakat, dedica parte desses fundos à ajuda social e trabalhos humanitários (COGGIOLA, 2007, p.29).

Sendo assim, constato que atualmente, o Islão continua a crescer graças a dois principais fatores, o Dawa que é a atividade missionária e os grandes financiamentos dos países árabes para assistência social, saúde e saneamento, construção das escolas e mesquitas que acabam criando uma atração para o islão, como por exemplo, acontece em alguns países de África ocidental, isto é, Guiné-Bissau, Senegal e Guiné Conacri.

Segundo a Lidice Meyer Pinto Ribeiro (2012), existe cerca de 1,57 bilhões de muçulmanos/as no mundo, isto é, 25% da população mundial, dentre os países com um número significativo de islâmicos, a Indonésia contém o maior número de adeptos/as do Islão. Diante do exposto, constato que há uma grande diversidade das comunidades muçulmanas no mundo, isto é, há sociedades muçulmanas que possuem diferentes formas de organização social, político e econômica.

Ainda, o Kamel (2007), sublinha que nem todos/as os/as árabes são muçulmanos/as e também nem todos/as muçulmanos/as são árabes. Portanto, vale salientar que ao falar do Islamismo e principalmente dos/as seus/as adeptos/as exige muita cautela. Porque, se não levarmos em consideração essa complexidade e diversidade cairemos no reducionismo e numa generalização apressada.

O pior é que, o reducionismo e generalização apressada, aconteceu em alguns países ocidentais, assim como no Brasil. Como por exemplo, mostra a Mayara (2011), depois do atentado terrorista do 11 de setembro e do ataque ao jornal Charlie Hebdo. Após esses episódios, os/as adeptos/as do Islão residentes no país, por causa do estereótipo vários muçulmanos e muçulmanas sofreram com diferentes piadas não ruas. E, algumas pessoas foram cuspidas e apedrejadas (Ibid.). No país, segundo o Vladimir Pinheiro Safatle citado por Mayara (2011), a imagem do islamismo foi associada ao terrorismo.

#### 4.2. COMUNIDADE ISLÂMICA NO BRASIL: ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E XENOFOBIA/ISLAMOFOBIA

A religião Islâmica veio para o país primeiramente nos finais do século XVIII, através dos africanos islamizados pelos árabes, que foram escravizados pelos europeus que os traziam para o Brasil e os vendiam para trabalhar nos engenhos (RIBEIRO, 2012).

Com o passar do tempo, depois de muitos anos, o número dos islâmicos cresceu com o grande fluxo migratório de árabes para o país. No ano 1928, foi inaugurada, em São Paulo, a primeira sociedade beneficente muçulmana no Brasil. No ano seguinte, foi fundada a primeira mesquita no país, que vai ser inaugurada só em 1960. Desde então, o número dos islâmicos continuou crescendo pouco a pouco com a chegada cada vez de novos imigrantes árabes e africanos, assim como a conversão de alguns/as brasileiros/as para o Islamismo (RIBEIRO, 2012).

Conforme o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE no ano 2000, o número dos/as muçulmanos/as nessa altura era de 18.592 seguidores e seguidoras. Ainda, de acordo com o último censo, realizado em 2010, o número dos/as adeptos do Islamismo cresceu para 35.167 fiéis muçulmanos/as. Atualmente, segundo a Ribeiro (2012), calcula-se que existe cerca de um milhão e meio de muçulmanos e muçulmanas no país.

Porém, com todo o crescimento, conforme o xeique Jihad Hassan Hammadeh, presidente do Conselho de Ética da União Nacional das Entidades Islâmicas do Brasil, entrevistado por Mayara (2011), o Islão continua ainda sendo um pouco conhecida.

Segundo o Xeique Jihad, o Islão, apesar de ser bem conhecido em vários países no mundo, no Brasil é ainda desconhecido. Ele aponta a desinformação como a maior causa do problema de aumento dos casos de preconceito contra os/as islâmicos/as. Ele sublinha que, "Existe uma guerra aberta contra a religião muçulmana encabeçada por alguns líderes religiosos e veículos da imprensa que criam esse preconceito premeditadamente". Porque, ainda ele sustenta que "Se fosse apenas a desinformação, a estranheza por nossa vestimenta não seria uma constante" (MAYARA, 2011, p.82).

Ainda, para o Vladimir Pinheiro Safatle citado por Mayara (2011, p.83): "A imagem da religião muçulmana é associada ao terrorismo e a população acaba descontando nas pessoas próximas".

Apesar do grande crescimento dos muçulmanos/as no mundo proporcionado através da expansão dos missionários Islâmicos como pode ser visto no capítulo anterior. No Brasil, o Islamismo “pode ser ainda considerada uma religião quase étnica”. Porque, Só a comunidade Islâmica do Rio de Janeiro que não é composta essencialmente de povos árabes e seus descendentes” (MONTENEGRO, 2013, apud MARIZ, OLIVEIRA, 2014, p.80,).

Segundo estas autoras, o crescimento entre os que não nasceram em família islâmica árabe é muito pequeno no país. Isso talvez é porque, quando uma pessoa converte ao islamismo, seu cotidiano torna outro, a sua convivência com os outros indivíduos da sociedade a grande maioria não-muçulmana fica difícil. Porque, este/a passa a ser visto de forma diferente, devido a sua nova forma de vida, por mudar alguns modos, comportamentos e atividades que rompem com alguns padrões da sociedade mais ampla, de modo que mostraram alguns/as pesquisadores/as como o Ramos (2003, 2013), Cristina Castro (2007) e a Vera Marques (2009), (MARIZ, OLIVEIRA, 2014).

Como por exemplo, uma vez que os preceitos islâmicos proíbem um homem muçulmano em tocar intencionalmente uma mulher a não ser sua esposa ou família. Entre os convertidos ao islamismo, os que evitam em tocar as mulheres são em algumas situações criticados e considerados pouco gentis, conforme o Lucas brasileiro, dentista de 35 anos, que se encontra com 5 anos de conversão, ele sustenta que “As pessoas acham que você ficou duro (porque não beija mais as mulheres estranhas). As pessoas têm preconceito em relação a isso” (RAMOS 2003, apud MARIZ, OLIVEIRA, 2014, p.93) Grifo das autoras.

Assim, constato que muitas pessoas por causa de grande desconhecimento do motivo das diferentes ações e gestos dos/as islâmicos/as acabam caindo em discriminações e intolerâncias.

Por outro lado, no caso das mulheres islâmicas “quando usam o véu no Brasil chamam a atenção como exóticas despertando olhares e comentários” (ibid. p.96). Na maioria das vezes, isso lhes causam um enorme constrangimento. Porque,

o uso do véu é, certamente, um ponto de tensão e conflito e ruptura com a sociedade mais ampla e não apenas para as brasileiras sem ascendência islâmica, como mostra Cristina Castro (2007:172). Entre suas entrevistadas havia uma moça de origem síria libanesa que relata que seus pais mesmo de origem muçulmana também a desaconselharam a usar o véu na vida cotidiana. A mesma pesquisadora (Castro 2007:173) descreve o caso de uma convertida brasileira que para não chocar a mãe, que não aceitava que sua filha tivesse se tornado muçulmana, colocava o véu quando já tinha saído de casa para evitar que a mãe visse. Castro (2007:174) cita ainda a fala de outra entrevistada

comentando que quando usa o véu tem sido tratada como uma estrangeira (MARIZ, OLIVEIRA, 2014, P.96).

O que é mais preocupante, como pude constatar é que desde o 11 de setembro de 2011, a vida dos/as adeptos/as do Islamismo nas ruas das cidades brasileiras não foi nada fácil, ainda após do ataque a sede do jornal Charlie Hebdo, transformou de mal para pior.

De acordo com a Mayara (2011), desde então os/as muçulmanos/as sofreram com diferentes comportamentos preconceituosos, por causa do estereótipo muitos/as foram alvos de piadas maldosas nas ruas, apedrejadas, cuspidas, ignoradas no transporte público e, nos dias seguintes ao ataque o país viveu uma onda de islamofobia.

Nesse período, foram muitos e frequentes os casos de intolerância contra os/as muçulmanos/as. Pois, chegou até no ponto a Federação Árabe Palestina do Brasil-FEPAL, fazer um documento oficial contra a intolerância religiosa, pedindo respeito a toda a sociedade brasileira (ibid.).

Portanto, apesar do Brasil ser um país com uma diversidade religiosa muito ampla a intolerância vem sendo muito preocupante, porque as pessoas partindo dos seus preconceitos, acabam não aceitando a religião do outro, o que eu pude constatar na realidade social cotidiana durante os dois anos que morei no país e nos textos que li no curso de humanidades é que as crenças Afro-brasileiras e o Islamismo sofrem com vários tipos de preconceito e discriminação.

Contudo, essa situação pode ser resultado de um longo processo, talvez desde o contato que aconteceu no XIV entre os povos das Américas, da Austrália, e mesmo da África e da Ásia, povos esses que possuíam diversos traços étnicos, religiosas, culturais, sociais e econômicas. Porque, de certa forma ou outra, esse contato estabeleceu barreiras entre um grupo com o outro, e isso tem tido consequências até nos dias, por exemplo, hoje é possível ver isso nas novas formas de manifestações do racismo ou da xenofobia (BATISTA, RIZZOTTO, 2017).

Ainda, durante a entrevista numa reportagem da TV UNIVESP em 2017, o antropólogo Valter Gonsalvez, afirma que “a partir da colonização, o país se tornou multicultural: composto por etnias indígenas, africanas e europeias, mas isso não significa que todas essas culturas se abraçaram em respeito e igualdade, a colonização portuguesa veio para o Brasil com um projeto de dominação cultural”.

Sendo assim, nesse sentido o estereótipo pode servir até hoje nas relações de poder que em algumas situações colocam certos grupos sociais em posições mais privilegiadas que os outros. Ainda, “O uso do estereótipo está presente na mídia, seja em conteúdo

jornalístico ou publicitário (BATISTA, RIZZOTTO, 2017, p.66)”. Estas duas autoras salientam que o Oliveira (2006), mostra como é que os estereótipos são usados ou como estão presentes nas mídias nacionais, por exemplo, apesar que o estereótipo do baiano como preguiçoso não passa simplesmente de uma de uma construção que fazia parte de um discurso colonial.

Em uma análise sobre o uso da preguiça como traço cultural baiano na divulgação do estado da Bahia como destino turístico, [...] esse estereótipo faz parte de uma série de características que formam a “baianidade”, que serve como “chamariz turístico”. [...] A preguiça baiana seria, portanto, um perfil construído historicamente e reforçado pela mídia, que reproduz os interesses da elite. Desde o século XVI, a elite local depreciava os negros escravos, descritos como desorganizados e sujos, depois como analfabetos e sem conhecimento, e, finalmente, como preguiçosos (OLIVEIRA, 2006, apud BATISTA, RIZZOTTO, 2017, p. 66). Grifo das autoras

Possivelmente que o mesmo também acontece com a comunidade Islâmica no país. Porque, observam a Mariz e Oliveira (2014, p.99), durante as entrevistas que realizaram no decorrer da pesquisa em São Bernardo no estado de São Paulo (Brasil), de que uma das grandes preocupações dos líderes muçulmanos de ascendência árabe, é “corrigir a distorções veiculadas pela mídia *para* diminuir a visão equivocada que se tem do Islão nas mídias.” Uma vez que “a influência dos meios de comunicação de forma geral, são um dos responsáveis pela disseminação de representações de identidades nacionais, culturais e locais” (BATISTA, ARIZZOTTO, 2017, p.65) grifo meu.

Desse modo, vejo que quando a mídia não contextualiza detalhadamente os conteúdos midiáticos ela pode criar e difundir certa desinformação no mesmo tempo que ela transmite outras informações. Após os atentados de 11 de setembro e do jornal Charlie Hebdo, muitos/as muçulmanos/as apontaram a desinformação sobre a religião como uma das principais causas de discriminação (MAYARA, 2011).

Porque, muitos sem levar em conta de que “nem todo árabe é muçulmano e nem todo muçulmano é árabe”, esquecendo segundo o xeique Jihad que o islamismo não é uma religião que é composta somente por árabes (MAYARA, 2011, p.89). Ainda, sem noção de que no Brasil, existem praticantes do Islão que não são de origem de famílias vindas de Oriente Médio ou do Norte da África, acabam colocando tudo num mesmo saco. Assim sendo,

é necessário separar o que é da política do que é da prática religiosa da população muçulmana. Não é porque existe o terrorismo em outros países que os muçulmanos brasileiros deverão ser vistos como possíveis cúmplices de prática tão bárbara e covarde; não é porque as mulheres usam vestimenta diferenciada que se há de pensar que todas as mulheres no Islã são reprimidas. Há fatores culturais que são muito mais de origem nacional que de origem

religiosa que relegam, ou não, a mulher há um segundo plano nessa comunidade (ibid. p.89).

Portanto, deve ficar bem claro que a articulação das diferentes compreensões sobre a vida e o mundo, principalmente no contexto da diversidade religiosa, não é nada recente, é um processo muito longo da humanidade, que construí e continua construindo até nos dias atuais inúmeras respostas a respeito do dilema da criação do mundo e da própria existência humana. O problema é que, hoje em dia uma das principais razões que causam várias situações de tolerância e intolerância religiosa, são as próprias relações entre os seres humanos de diferentes crenças religiosas (VIEGAS, 2016).

Porque, para o Jeronimo (2016, p.46), citando o Heiner Bielefeldt relator especial das Nações Unidas (ONU) sobre a liberdade de religião ou crença, num dos seus relatórios, especificamente o de dezembro de 2014, ele sustenta que, deve ser rejeitado certos tipos de associação de ideias, como a de dizer que “a intolerância e o conflito são inevitáveis no relacionamento entre religiões, uma vez que todas têm a pretensão de representar verdades absolutas, logo, irreconciliáveis entre si”. Visto que, dificilmente a religião será sozinha o motivo de ataques ou conflitos violentos.

### 4.3 MÍDIA COMO ELEMENTO DE SUPORTE PARA COLONIALIDADE DE PODER

No mundo atual, o Boaventura de Sousa Santos, aponta a colonialidade de poder como sendo “um novo modelo de poder especificamente moderno que interliga a formação racial, o controlo do trabalho o Estado e a produção de conhecimento” (QUIJANO, 2001, apud SANTOS, 2009, pp.354-355).

Ainda, a Cristian León (2012), partindo da visão do Quijano sublinha que,

a colonialidade do poder foi constituída como um padrão de dominação a partir do qual as hierarquias econômicas, sociais, intersubjetivas e políticas foram estabelecidas entre as identidades europeias e não europeias. A partir da implantação desta matriz de poder, as culturas dominadas seriam impedidas de objetivar de forma autônoma suas próprias imagens, símbolos e experiências subjetivas (LEÓN, 2012, p.03-04).

Dessa forma, as indústrias midiáticas podem ser um dos elementos que auxiliam e disseminam a interligação, o controlo e a produção de conhecimentos. Porque, de acordo com León (2012, p.04), “a colonialidade está conectada com o visual”. Sendo assim, desde o momento que a grande parcela da humanidade acentuou o uso dos meios de comunicação, a mídia passou a tornar mais poderosa e presente quase em toda a parte do mundo, devido a capacidade do jornalismo em colaborar para a construção da realidade social como sendo agente formadora de opiniões (ALVES, 2016). Atualmente, segundo o Dannyel Bruno Herculano Rezende,

o uso da interação “mediada” ou “quase-interação” mediada representou, profundas alterações na organização espacial e temporal da vida social, novas possibilidades de ação e também novas maneiras de exercício do poder que não está mais ligado ao compartilhamento do local comum (REZENDE, 2016, p.69-70, grifo do autor).

Sendo assim, a León (2012), salienta que uma das grandes necessidade das sociedades periféricas, isto é, os países da América Latina, da África assim como alguns países asiáticos, é ter como um dos principais desafios nos estudos visuais e audiovisuais que se encontram em desenvolvimento, construção de um espaço de emissão onde o seu conhecimento, as suas crença e valores vão se situar historicamente e geopoliticamente.

Uma vez que, devido ao crescimento do uso dos instrumentos audiovisuais, a colonialidade de poder é frequentemente atualizada através desses dispositivos que atuam a partir de uma rede de mediações. Porque,

uma matéria já está destinada à parcialidade desde o momento em que é escolhida pelo editor, afinal, porque escolher uma e não outra? [...] A notícia que chega até o seu consumidor é, na verdade, o resultado de um processo de criação, que vai desde a pauta até o editor, que seleciona o que vai ser

noticiado. [...] Todo ser humano pago para fazer algo, o faz da maneira que mais agrade a quem o paga, logo, faz como o pagador manda. (ALVES, 2016, pp. 61-65).

Desse modo, vejo que continua ainda a existir as técnicas da classe dominante no que diz respeito em facilitar o controle social, cultural, econômico e político. Porém, as técnicas atuais são diferentes das que existiam no passado. Pois, segundo o Boahen (2010), desde muito cedo os colonizadores com o intuito de facilitar o controle sobre as populações e evitar qualquer forma de desobediência, buscaram estratégias. Uma delas são as disfarçadas negociações com os dirigentes locais das antigas colônias.

Como por exemplo, nas sociedades africanas, o colonizador sabendo que os meios técnicos militares não eram suficientes para garantir o controle social, político e econômico almejado, porque tinham poucos recursos humanos nos primeiros momentos, apesar que, é completamente incorreto considerar os que aliavam com os colonizadores de colaboradores, uma vez que “optaram por se juntar aos invasores europeus” a administração colonial procurava colaborar com as entidades e as pessoas mais influentes na esfera social dessas comunidades para facilitar a penetração e a dominação (BOAHEN, 2010, p.13).

A dominação ou a colonização direta durou durante um longo período. Com o passar do tempo, as sociedades que eram dominadas diretamente, foram segundo Rita António Neto (2014), independentes politicamente. Porém, o que vale salientar é que nestas sociedades segundo ela,

o progresso técnico e cultural necessário para o desenvolvimento das suas jovens nações são inviabilizados pelo atraso económico e social [...]a herança de dominação europeia permaneceu evidente nas fronteiras nacionais, infra-estruturas políticas, os sistemas de ensino, línguas nacionais, economias e redes de comércio de cada nação. (NETO, 2014, P.68).

Desta forma, a colonização das sociedades que eram dominadas diretamente, apenas foi disfarçada ou mascarada atrás das novas formas da colonialidade do poder, colonialidade do conhecimento e colonialidade do ser. Pois, segundo Santos (2009), atualmente vivemos numa nova forma do governo indireto.

Hoje em dia, estamos vivendo um período que ele vai chamar de “regresso do colonial”, sublinhando que esse regresso “não significa necessariamente a sua presença física nas sociedades metropolitanas. Basta que possua uma ligação relevante com ela” (SANTOS, 2009, p.34).

Porque, no mundo atual, dada a grande onda da globalização e capitalismo, “o fascismo territorial [...] constitui os novos territórios coloniais privados dentro de Estados que quase estiveram sujeitos ao colonialismo europeu” (SANTOS, 2009, p.38). É possível, constatar essas realidades em diversos países africanos e Latino Americanos, com o grande crescimento das privatizações de diferentes lugares e serviços que deveriam ser sociais/públicos.

Conforme Charaudeau (2010), as mídias apesar de não serem uma instância de poder, durante as notificações dos sucedidos elas podem elaborar representações que tomam lugar da realidade. Pois, durante a midiaticização dos conteúdos, para atingir os seus objetivos procuram e utilizam diferentes discursos, de modo que interessa um número significativo de indivíduos.

Manipulando assim as pessoas tal como manipulam a si mesmas, quando não mostram o que acontece na realidade. Pois, “[...] a própria instância midiática é manipulada de duas maneiras: por uma pressão externa e por uma pressão interna. Por uma pressão externa, acima da máquina midiática, por três fatores que colocamos em evidência: a *atualidade*, o *poder* e a *concorrência*” (CHARAUDEAU, 2010, pp.256-257, grifo do autor).

Por isso, hoje em dia, de acordo com a Cristian León (2012), uma das missões primordiais que devem ser concretizadas é a crítica do audiovisual, da tradição ocidental de histórias e teorias de arte, oriundos das zonas ditas primeiro mundo. Portanto, o “pensamento descolonial gera críticas na análise dos dispositivos, instituições e práticas relacionadas à produção do discurso e da visualidade dentro da geopolítica coproduzida pelos centros e periferias do sistema mundial moderno” (LEÓN, 2012, p.02).

Sendo assim, para compreender a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores/a do islamismo após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e do ataque a Charlie Hebdo em 07 de janeiro de 2015, é indispensável procurar de todas as maneiras possíveis, “uma maneira de estabelecer as relações constitutivas entre a visualidade e a geopolítica” (LEÓN, 2012, p.01). E, ainda, levar em consideração a produção, a circulação e o consumo das imagens num campo amplo dentro das relações geopolíticas atuais.

#### 4.4 ALGUNS RELATOS HISTÓRICOS DA MÍDIA

Nos últimos séculos, considera-se o desenvolvimento da ciência e da tecnologia como um dos avanços mais significativos da humanidade, que permitiram o avanço da produção industrial, da diminuição significativa das taxas de mortalidade graças as novas descobertas da medicina e da revolução comunicacional, que favoreceu uma maior interação entre os homens (ZAHREDDINE, 2016)

Porém, partindo da visão de que a comunicação pode ser considerada como uma forma de dialogar, constato que já existia meios de comunicação desde muito cedo, entre os seres humanos e seus antecessores. Pois, dada a necessidade de comunicar aos outros suas histórias e descobertas, de acordo com a Flávia Marquetti e o Pedro Paulo A. Funari (2011), os nossos antecedentes já expressavam através da arte rupestre que era realizada com os materiais que encontravam na natureza (barro, areia, madeira, pedra, casca e folha de arvores), para fazer os registros e passar assim informações.

Após de ganharem uma estrutura bípede, facilitou o crescimento do cérebro e também possibilitou o surgimento da linguagem. As formas de comunicar-se melhoraram significativamente, e, permitiu criar crenças, culturas e tradições, passadas de geração para geração através da oralidade. Porque, “A comunicação por meio de sons caracteriza a espécie humana” (MARQUETTI, FUNARI, 2011, p.156).

Com o passar do tempo, os humanos nas sociedades tradicionais, passaram a usar diferentes formas de comunicação, que são encontradas até nos dias atuais em algumas comunidades africanas e indígenas, tais como: fogo, fumo, tambores, chifre dos animais etc. Com o surgimento da escrita, tornou mais fácil e seguro as formar de comunicar, ou seja, passar informações, através das cartas, livros e jornais impressos.

Um dos marcos mais importante na história ocidental dos chamados meios de comunicação/mídia, acontece no século XIX. Uma vez que, segundo Alves (2016), durante esse período, aconteceu um crescimento notável e um o avanço significativo dos meios de comunicação proporcionados através do desenvolvimento da ciência e tecnologia, o que possibilitou crescimento dos jornais, e, vários progressos no mercado das notícias. Contribuiu também para a criação de diferentes agências especializadas em noticiar.

Porém, partindo da ideia do Aníbal Quijano (2001, apud, SANTOS, 2009), sobre as novas formas de colonialidade do mundo contemporâneo, isto é, a colonialidade de poder, de ser, de saber e de ver. Observo que, essa aliança entre a Ciência-Tecnologia-

Indústria expressa uma lógica moderna-colonial, também é a parte da condição de possibilidade para capitalismo e a globalização. Porque, todos esses fenômenos, instituem novas relações de poder, de saber, de ser e de ver.

Durante o 1832 a 1848 surge as maiores empresas de notícias, que são de grandes investidores europeus, algumas dessas agências existem até nos dias atuais, com grandes potências no mercado de notícia mundial. Dentre essas agências da notícia vou destacar algumas, em 1835 foi fundada a agência Havas, que é conhecida de Agência France-Pressé nos dias de hoje. Após alguns anos foi fundada em 1849, a Wolffs Telegraphisches Bureau, depois o seu nome foi mudado para Deutsche Presse-Agentur. Em 1851 foi a Reuters, que permaneceu com o mesmo nome. E, em 1853 o Guglielmo Stefani fundou a Agenzia Stefani (ALVES, 2016)

Já no Brasil, de acordo com Miranda (2007), constato que a necessidade de criar novos meios de informação/comunicação que facilitariam e que atingiriam largas extensões, surge com a chegada dos colonizadores europeus, e, intensificou-se com vinda da Família Real portuguesa para o país, concretamente no Rio de Janeiro, no dia 07 de março de 1808, tornando a cidade a capital do reino de Portugal e do Brasil.

Neste mesmo ano, no dia 10 de setembro surge o primeiro jornal impresso no país, foi fundada a Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal institucional a circular no território nacional. Em 29 de dezembro, passou a ser denominada apenas Gazeta do Rio, após a independência, o periódico foi substituído pelo Diário Fluminense de Pedro I e o Diário do Governo de Pedro II como sendo órgãos oficiais de imprensa (Meirelles, 2007).

Diante disso, constato que a coroa portuguesa não incentivava e possivelmente até não permitia a presença de imprensa nas colônias. Sendo assim, o surgimento da imprensa em território brasileiro está associado à lógica colonial. Porque, “[...] a modernidade, o colonialismo, o sistema mundial e o capitalismo são aspectos da mesma realidade simultânea e mutuamente constitutiva” (DUSSEL, 2004, apud LEÓN, 2012, P.02).

Só no abril de 1891, o Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco, por estar fortemente ligado as causas abolicionistas e republicanas, torna-se num escritor e funda outro jornal no Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil, com o intuito de defender a sua posição e o seu ponto de vista. Ainda, por volta de 1894, foi fundado o Jornal A. Tribuna de Santos, nos primeiros momentos circulava duas vezes por semana, depois transformou-se em diário (MIRANDA, 2007). Ainda sobre o primeiro jornal no País,

A Gazeta do Rio de Janeiro era estruturada em duas partes: seção noticiosa e de avisos. Na seção noticiosa a folha circunscrevia a fala do redator, incluía artigos escolhidos de diversos jornais europeus, apresentava cartas de militares

e políticos de relevância no período, inseria informações burocráticas – como o balancete financeiro da Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro – e também noticiava o cotidiano da realeza: das graças do monarca para seus súditos civis e militares como, por exemplo, a distribuição de títulos de nobreza às diversas festividades do calendário real, como os aniversários do príncipe regente e as peças de teatro ( MEIRELLES ,2007, p.03)

Diante disso, o que eu percebi é que desde esse período, por questões ideológicas/políticas os jornais já apresentavam parcialidade desde o momento da seleção dos textos das informações que posteriormente vão noticiar. Porque, “o ato de selecionar configura o rompimento da neutralidade” (SILVA, 2005, apud ALVES, 2016, p.57). Portanto, “acreditar que o jornalismo é a reprodução verdadeira dos fatos é errado, pois é presumir que os jornais são imparciais” (Ibid. p.58).

De acordo com Gustavo Lima Miranda (2007, apud Queiroz,1998), a história do Jornal no Brasil pode ser dividida em sete principais fases, conforme o quadro a seguir:

| Período     | Fase                |
|-------------|---------------------|
| 1891 – 1893 | Monarquista         |
| 1893 – 1894 | Rui Barbosa         |
| 1894 – 1919 | Populismo           |
| 1919 – 1930 | Boletim de anúncios |
| 1931 – 1950 | Moderna             |
| 1950 – 1961 | Reforma             |
| 1961 - ...  | Grande Jornal       |

QUADRO I: Principais fases da história do jornal no Brasil (elaboração minha).

Atualmente, segundo Cruz (2008), entre os meios de comunicação existentes no País a televisão é o com maior alcance em todo o país, pois de acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE em 2016, 93% das residências possuem televisores em casa.

O problema não é apenas o crescimento do uso/consumo dos conteúdos midiáticos, é que desde a era da ditadura militar foi construído o poder político da televisão e consolidado na redemocratização, “a TV era vista como ferramenta de poder e instrumento de integração nacional, fazendo parte da estratégia de manutenção da ditadura. [...] Com a abertura política, a televisão deixou de ser uma ferramenta de poder para se tornar um poder em si mesma” (CRUZ, 2008, p.24).

Pior é que essa situação continua sendo vista na nossa sociedade até nos dias atuais, pois, segundo Cruz (2008), entre os 513 deputados da nação 50 deles são proprietários de emissoras, fora daqueles que registram as empresas em nome de famílias/parentes ou empregados, e, vinte e cinco senadores são donos de TVs e Rádios.

Dessa forma, tendo em conta a realidade social contemporânea, acredito que possivelmente a posse das instituições midiáticas pela classe alta (elite), são estratégias

políticas, que têm como os principais objetivos, de caça aos votos durante as campanhas eleitorais e para a manutenção de dominação. Porque, segundo Charaudeau (2010, p.17), “as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública”. Por outro lado,

a centralidade da televisão como meio dominante, bem como a influência dos meios de comunicação de forma geral, são um dos responsáveis pela disseminação de representações de identidades nacionais, culturais e locais. [...] Tais representações são o que podemos chamar de estereótipos. O uso do estereótipo está presente na mídia, seja em conteúdo jornalístico ou publicitário (LIMA, 2004, apud BATISTA, RIZZOTTO, 2017, p.65-66).

Porque, para mascarar o discurso colonizador na maioria das vezes, é usado o estereótipo como sendo uma técnica e estratégia. No país, essa situação pode ser constatada quando é tratado ou retratado algo concernente ao drogado nas mídias nacionais. Em várias situações ou casos, o drogado “sempre se vincula à negatividade e ilegalidade, e se associa ao estereótipo do bandido e do marginal” (BATISTA, RIZZOTTO, 2017, p.70).

Dessa forma, a televisão assim como os demais meios de comunicação, podem disseminar inúmeros estereótipos, como por exemplo, étnicas, religiosas, raça, classes sociais, gênero, etc. uma vez que,

a ação de estereotipar não está vinculada a ideia de uma imagem falsa que se torna uma prática discriminatória. [...] esse ato é muito mais ambivalente [...] de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobredeterminação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes oficiais e fantasmáticos [...] (BHABHA, 2014, apud BATISTA, RIZZOTTO, 2017 p.66).

#### 4.4.1 TV GLOBO

A TV Globo é uma instituição midiática brasileira que entrou em ar desde 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, atualmente com a sede Central de Produção (CGP) em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, inaugurada em outubro de 1995. Hoje em dia, é um dos maiores centros de produção da América Latina, com uma unidade de 1,65 milhão de metros quadrados, ainda com apenas 156 mil metros quadrados de área construída, com uma infraestrutura e tecnologia de última geração para a realização de todos os programas da TV (CRUZ, 2008).

Nos finais dos anos 60 de acordo com este autor, a TV Globo,

Era a emissora mais moderna e bem equipada do Rio, embora pequena em comparação com as concorrentes. Tinha um prédio especialmente construído para abrigá-la e um conjunto de câmeras e aparelhos de videoteipe que tinham de novos. Mas os seus primeiros meses de operação não foram felizes. Ela gastou muito dinheiro e não faturou nada. Mudou várias vezes a direção comercial e quem estava no comando era o mesmo Cerqueira Leite, que havia sido chefe do Walter Clark na TV Rio. Ele também não tinha sucesso. Na direção geral, Rubens Amaral não conseguiu bons resultados e enfrentava despesas quatro vezes maiores que a receita. No final do ano, depois de investir e perder muito mais que imaginava, Roberto Marinho já havia concluído que tinha que mexer na equipe original (CLARK, PRIOLLI, 1991, apud CRUZ, 2008, p.29).

Considerando essas situações, observo que, apesar de ela já usufruir desde muito cedo com os novos aparelhos de comunicação proporcionados pelo avanço da tecnologia nos finais do século XIX. Nos primeiros momentos não obteve grande sucesso, pois, não conseguiu muito cedo elevar a sua audiência, devido à grande concorrência na altura com a Record. Pois, “Somente em 1968, a emissora conseguiu colocar uma de suas atrações, o programa do Silvio Santos, entre as dez mais assistidas pelos paulistanos” (Cruz, 2008, p.29).

Conforme Cruz (2008), a Globo começou a montar sua rede muito cedo, desde 1968, muito antes da sua infraestrutura de repetidores de micro-ondas da Embratel. Em 1969, ela já possuía três emissoras em diferentes lugares, no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Cerca de dois anos depois, a TV Globo de Brasília foi inaugurada em 1971. Posteriormente, já em 1972, começa as operações a TV Globo do Recife, no outubro do mesmo ano, a Embratel consegue terminar o estabelecimento dos troncos do Sistema Nacional de Telecomunicações.

Atualmente, conforme as informações que se encontram no site oficial da Rede Globo, para a gravação das cenas a Globo possui 32 unidades de gravação, com 24

estações de computação gráfica; três estações de produção de conteúdo para Internet. A Central Globo de Produção permite produções para a TV convencional, TV em alta definição e cinema digital. Hoje em dia, a CGP tem a sua própria central de geração de energia elétrica de 5 MW movida a gás natural, consegue gerar energia, água quente e gelada. Ainda, a emissora possui uma sede própria em São Paulo com a interligação via fibra ótica com a CGP do Rio, consegue oferecer recursos cada vez mais modernos para a produção de programas. Esta última também compartilhada com o Jornalismo; estação de computação gráfica; e estação de produção de conteúdo para Internet, esta última reúne em um único endereço quase 1.500 funcionários<sup>5</sup>.

A TV Globo, apesar de ela passar por uns momentos um pouco difíceis no passado como é destacado num dos parágrafos atrás, os materiais da ponta que a emissora possui nos dias atuais e a audiência de longa alcance com um número significativo de telespectadores, é resultado de uma grande vantagem que ela teve em relação aos competidores, desde os primeiros momentos. Pois, de acordo com Furtado (apud CRUZ, 2008, p.32), a emissora “nasceu na era da comunicação a longa distância por micro-ondas e, posteriormente por satélite”.

No entanto, as situações como essas foram uma das razões que lhe facilitou a “concentrar as suas atividades numa grande central de produção no Rio de Janeiro e distribuir seus programas via Embratel a um custo acessível”. Ainda, desde muito cedo, ela já contava com o videoteipe, que lhe permitia gravar e editar os seus programas. No ano 1968, ela foi a primeira estação emissora no país, a ter acesso a Editec, um equipamento que facilitava a utilização do videoteipe (CRUZ, 2008, pp. 32-33).

---

<sup>5</sup>Disponível em: <<https://glo.bo/2CWHQv0>> acesso no dia 16 de setembro de 2018

#### 4.4.2 FOLHA DE SÃO PAULO

Em primeiro lugar, constatei no Site oficial da Folha de São Paulo, isto é o Grupo Folha, de que a história do Grupo Folha vem de muitos anos atrás, desde 1921, primeiramente em São Paulo, foi fundada a Folha da Noite, jornal voltado para a classe média urbana que emergia de uma sociedade ainda baseada na monocultura do café. Depois disso, surgiram ainda outros dois jornais, a Folha da Manhã em 1925 e a Folha da Tarde no ano 1949. Contudo, estes três jornais, em 1960 foram fundidos para dar origem à Folha de São Paulo<sup>6</sup>.

Este último, de acordo como se encontra no site oficial da Folha, o jornal foi criado por um grupo de jornalistas liderado por Oliveira Costa e Pedro Cunha em oposição ao principal jornal da cidade conhecido na altura como: (O Estado de São Paulo), que representava as elites rurais e assumia uma posição mais conservadora, tradicional e rígida. Desde 1986, a Folha se encontra entre um dos jornais de maior circulação em todo o Brasil. Em 1995, com a inauguração de um novo parque gráfico, ela passou ser considerada um dos maiores e mais atualizados tecnologicamente na América Latina.

Ainda, de acordo com o site oficial, a Folha de São Paulo forma o grupo dos principais jornais de referência do Brasil. Hoje em dia, ele é um centro de diversas atividades na esfera da indústria das comunicações, abrangendo jornais, banco de dados, instituto de pesquisas de opinião e de mercado, agência de notícias, serviço de informação e entretenimento em tempo real, gráfica de revistas e empresa transportadora. Hoje em dia, um dos jornais de maior circulação no país, também é o site noticioso de jornal com mais audiência, a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet-UOL e a maior gráfica comercial do Brasil, além de outros negócios.

Enfim, nos dias de hoje, o grupo publica também o jornal Agora, que é líder entre os diários populares no Estado de São Paulo. Ainda Entre as publicações, o Grupo ainda edita as revistas São Paulo, Revista da Hora, Serafina e o Guia Folha. (Ver o site oficial do grupo folha)

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2PIG83g>> acesso no dia 18 de setembro de 2018.

## 5. REFLEXÃO METODOLÓGICA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em primeiro lugar, com a leitura da obra cujo tema é VIDEOPOLITICA: Jornalismo, Discurso e Poder em sua TV (2016), escrito por Dannyel Brunno Herculano Rezende, compreendi que é indispensável nas investigações científicas, o pesquisador procurar uma boa adequação na seleção dos procedimentos metodológicos. E também, levar em consideração a verdadeira correlação da metodologia com o objeto que investiga, isto é, procurar a todo momento metodologias apropriadas/adequados ao problema de pesquisa.

Pois, nos trabalhos científicos não se deve inserir de uma forma persistente ou a força a metodologia ao objeto/assunto que vai ser pesquisado, como uma espécie de “*sapato metodológico*” que se procura adequar aos “*pés*” da realidade (REZENDE 2016, p. 34 grifo meu).

Sendo assim, segundo Carvalho (2011), o método qualitativo pode ser considerado como sendo um dos caminhos bastante efetivos para se chegar a determinado fim num trabalho científico, por ter uma característica de investigação organizada com utilização de conhecimentos históricos e rigor no controle das observações. Levando em consideração o objetivo geral deste projeto de pesquisa, optei por escolher o método da pesquisa de caráter qualitativo.

Porque, de acordo com a Minayo (2002), a pesquisa qualitativa,

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, pp.21-22).

Portanto, as discussões da futura pesquisa seguirão, o quanto possível, princípios metodológicos que se orientam no método qualitativo, por me parecer ser um dos caminhos mais apropriados para atingir os objetivos almejados e para responder as diferentes indagações estabelecidas nesse presente projeto. Já que, a pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2010, p.26), “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

Por outro lado, quanto aos meios de investigação, partindo da ideia do Carvalho (2011, p. 68), onde observa sobre a necessidade da pesquisa bibliográfica em qualquer pesquisa científica, afirmando que “reduz a possibilidade de o pesquisador trabalhar em

vão”, e segundo Rezende, (2016, p.15), que a “[...] teoria e pesquisa são fundamentais quando se trata de encontrar explicações e atingir objetivos de trabalho”, pois com o qual consegue-se obter resultados significativos. Nesse sentido, percebo que a pesquisa bibliográfica pode ser em qualquer trabalho científico como sendo a base. Porque, ela vai servir para reunir os conhecimentos teóricos ligados à temática, que já foram produzidos por outros/as autores/as.

Em razão disso, inicialmente, durante o projeto realizei um breve levantamento preliminar dos assuntos escritos que tratam sobre a temática do presente projeto. O levantamento do que eu destaco aqui não é uma pesquisa bibliográfica na sua plenitude e totalidade, trata-se da previa procura dos textos que fiz durante a produção do projeto. Ainda, pretendo fazer a pesquisa bibliográfica durante os primeiros momentos da pesquisa.

Porque, Marconi e Lakatos (2011), enfatizam que, em qualquer pesquisa científica pode-se considerar a pesquisa bibliográfica como sendo o primeiro passo de toda a pesquisa. Assim sendo, durante os primeiros momentos da pesquisa uma das minhas principais tarefas será estar em contato direto com o que foi discutido e escrito acerca do assunto através dos livros, artigos, revistas, teses e as matérias que estão disponíveis na internet que são relacionadas à temática desse projeto.

Uma vez que, o principal objetivo de uma pesquisa bibliográfica é de “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise da pesquisa” (CARVALHO, 2011, pp. 68-69). Ela será extremamente importante, pois, me dará oportunidade de compreender uma série de fenômenos, também me possibilitará a ter um aprofundamento a partir das pesquisas já realizadas.

Na segunda etapa da pesquisa, o centro da minha análise serão as informações que vou coletar nos conteúdos de matérias jornalísticas disponíveis até hoje nos sites oficiais da TV Globo e da Folha de São Paulo. Isto é, as informações sobre terrorismo, islão e seguidores do islamismo midiáticas durante os dias 11, 12 e 13 de setembro de 2011. Assim, como os conteúdos dos dias 07, 08 e 09 de janeiro de 2015, que se encontram ainda disponíveis na internet para o público.

A escolha dos conteúdos midiáticos nesses dias, é porque entendo que esses são os que abordaram diretamente os atentados e possivelmente algo sobre a Religião Islâmica e os/as seus/as adeptos/as. Uma vez que, o objetivo geral da pesquisa é compreender a imagem que a mídia constrói sobre islão e seguidores/as do islamismo

após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e do ataque ao jornal Charlie Hebdo em 07 de janeiro de 2015.

Para abordar os conteúdos jornalísticos, vou utilizar o método da Hermenêutica de Profundidade (HP). Que é, “um referencial metodológico para o estudo das formas simbólicas” (THOMPSON, 2011, p.363). Porque, as formas simbólicas de que ele se trata são as “expressões linguísticas, gestos, ações [...] falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas” (THOMPSON, 2007 apud, REZENDE, 2016, p.36). Sendo assim, este referencial metodológico me servirá para o estudo e interpretação dos textos, das imagens e dos discursos veiculados durante as notícias, isto é, as matérias jornalísticas.

Para isso, com o intuito de superar as incertezas e para que eu possa compreender criticamente o sentido dessas comunicações, pretendo observar o sentido oculto do discurso e verificar o que está por trás das palavras. Levando em consideração todos os objetivos almejados neste projeto, utilizarei como caminhos e técnicas para analisar e explorar as relações entre os discursos e as realidades, as três principais momentos de percepção que compõem a HP, isto é, a “análise sócio-histórica, a “análise discursiva ou formal” e a “interpretação/reinterpretação” (THOMPSON, 2011, p.365).

No primeiro momento, vou utilizar a primeira indicação da HP, que é “análise sócio-histórica”, para descrever os episódios noticiados na TV Globo e Folha de São Paulo sobre o islã e os seus adeptos após os atentados. Pois, conforme Thompson (2007, p.366), o principal objetivo de estudo dessa fase é “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas”. Ainda, este procedimento leva em consideração, os espaço-temporais, a estrutura social, assim como os meios técnicos de transmissão. Porque, ele compreende que, as formas simbólicas são “produzidas e recebidas [...] por pessoas situadas em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais” (Ibid. p.366).

Durante a descrição dos conteúdos, levarei em consideração os quatro principais cuidados destacados por Cell (2008, apud MALHEIROS, 2011), onde ele adverte que o pesquisador deve ter alguns cuidados ao se selecionar documentos para a condução de uma pesquisa, que são: o contexto, o/os autor(es), a autenticidade do texto e a natureza do texto. Porque,

Contexto: avalia o contexto histórico no qual o documento foi produzido. É irrelevante avaliar um registro sem situá-lo historicamente, já que não é possível compreendê-lo fora dos valores sociais nos quais emergiu.

Autor (es): quem redige um documento pode colocar sua intenção nas palavras (para documentos escritos, por exemplo). Por isso, compreender a vida do

autor e o que o levou a elaborar tal obra auxilia na compreensão do fato que está para além do tangível e que é o que efetivamente importa quando se pesquisa em ciências humanas e sociais.

Autenticidade do texto: é preciso se assegurar da informação transmitida quanto à sua autenticidade. Este fato se relaciona diretamente com a participação do autor na elaboração do documento [...]. É preciso saber claramente se o autor foi testemunha do fato, viveu a situação ou simplesmente registrou algo que foi ouvido.

Natureza do texto: [...] a natureza influencia na análise que o pesquisador fará (MALHEIROS, 2011, pp.87-88).

Portanto, esses quatro principais cuidados que levarei em consideração, vão me ajudar durante a análise sócio-histórica, para observar as certas dimensões e características das matérias.

No segundo momento, para identificar as representações associadas ao islão e ao seus/as adeptos nos diferentes episódios expostos nessas notícias. Utilizarei a segunda indicação da HP, denominada por Thompson de “análise discursiva ou formal”, cujo objeto de estudo são os “casos concretos da comunicação do dia-dia, uma conversa entre amigos, uma interação na sala de aula, um editorial jornalístico, um programa de televisão” (THOMPSON, 2007, p.370).

Desse modo, o segundo momento de HP me servirá como caminho, para constatar as características estruturais e as relações dos discursos presentes nas matérias que vou estudar. Porque, este procedimento permite o pesquisador a procurar diferentes tipos de alternativas metodológicas, que são mais adequadas ao assunto a ser pesquisado. (THOMPSON, 2007). Sendo assim, este procedimento metodológico será um dos meus caminhos estratégicos durante a análise dos conteúdos. Com ele verificarei as palavras que compõem os textos dos conteúdos midiáticos e quais significados os textos carregam.

Porque, a técnica de análise de conteúdo tem como uma das principais funções descobrir o “*que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (GOMES, 2012, pp.74 grifo do autor). Com a técnica de análise de conteúdo, o pesquisador pode optar por vários tipos de unidades de registro, para fazer a análise das informações que constituem uma mensagem. Como por exemplo, “utilizar a palavra como uma unidade, trabalhando com todas as palavras de um texto ou com apenas algumas que são destacadas de acordo com o estudo” (GOMES, 2012, P.75).

De acordo com Mozzato e Grzybovski (2011), a técnica de análise de informações, significa um dos mecanismos indispensáveis para posterior interpretação. Sendo assim, possui procedimentos específicos, envolvendo a preparação dos dados até a sua análise. Dessa forma, realizarei essa análise em diferentes períodos. No primeiro

momento, farei a pré-análise; no segundo, a exploração do material; no terceiro, farei o tratamento dos resultados e preparar para a sua interpretação.

Na terceira e última etapa da pesquisa, vou verificar os possíveis estereótipos veiculados nessas notícias a respeito do Islão e os/as seus/as adeptos/as. Durante esse período, vou investir a terceira indicação da HP, isto é, a interpretação/reinterpretação (THOMPSON, 2011). Porque, de acordo com este autor a interpretação, procura de todas as formas possíveis, construir significados dos resultados obtidos durante a análise formal e sócio-histórica das formas simbólicas.

Porém, o Thompson (2007), adverte o pesquisador, para observar imparcialmente e rigorosamente, o que ele vai interpretar. Porque, esta fase é um dos momentos de risco durante uma pesquisa. Uma vez que, “o processo de interpretação é simultaneamente um processo de reinterpretação”, e, esse processo “é necessariamente arriscado, cheio de conflitos e discussão” (THOMPSON, 2007, p.376). Pois, segundo ele, na maioria das vezes, as formas simbólicas se encontram dentro dum âmbito pré-interpretado, pelo os que formam o mundo sócio-histórico.

Diante disso, constato que, o pesquisador, deve procurar maneiras consistentes e conseguir justificações suficientes e legítimas para a sua interpretação. Porque, “cabe também a quem lê a interpretação e não concorde com ela, o direito e o dever de reinterpretá-la, de acrescentar ao que foi dito a sua interpretação da realidade, mas também a justificando” (GUARESCHI, 2003 apud, REZENDE, 2016, p. 41).

Portanto, através dos diferentes procedimentos metodológicos, destacados em cima, espero com eles dar conta dos objetivos traçados neste presente projeto de pesquisa. Ressalto desde então que, nesse projeto não foi a minha intenção negar que não existe terrorismo islâmico ou terroristas muçulmanos/as. E, nem negar de que não existe fundamentalismos e fundamentalistas islâmicos, assim também será durante toda a pesquisa.

Por isso, os dados que apresentei, neste projeto, foram extraídos, dos livros, das dissertações de teses, dos artigos, das revistas e em diferentes sites na internet. Tentei de todas as formas possíveis reproduzir fielmente todas as informações que se encontram no presente projeto, utilizando-me, por vezes, de alguns dos termos dos próprios autores, para evitar no máximo possíveis distorções.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Cesar Corrêa. **Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-ataques**. Frutal-mg: Editora Prospectiva, 2016.

BATISTA, Maiara Carvalho; RIZZOTTO, Carla Candida. Identidades estereotipadas: análise da representação dos moradores de Joinville no quadro JA nos Bairros. **Intexto**, Porto Alegre, n. 38, p.60-79, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2q3nSpL>> acesso: 14 julho 2018.

BRASIL, **Repórter Unesp: A Forte Intolerância Religiosa Contra Religiões de Matrizes Afro-Brasileiras**. Disponível em: <<https://bit.ly/2NR4JRo>> acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL, **Jornal Folha de São Paulo: Conheça o Grupo Folha**. Disponível em: <<https://bit.ly/2PIG83g>> acesso: 18 set. 2018.

BRASIL, **Rede Globo: Produção**. Disponível em: <<https://glo.bo/2CWHQv0>> acesso: 16 set. 2018.

BOAHEN, Albert Adu. **HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA • VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

BUCAILLE, Dr. Maurice. **A Bíblia, o Alcorão e a Ciência: AS ESCRITURAS SAGRADAS EXAMINADAS À LUZ DOS CONHECIMENTOS MODERNOS**. São Bernardo do Campo -SP- Brasil: Editora Makkah, 2012.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização Ocidental: O Homem das Cavernas até a Bomba Atômica**. 2. ed. Rio de Janeiro- Porto Alegre- São Paulo: Editôra Globo, 1966. Disponível em: <<https://bit.ly/2PFipRh>> acesso: 24 ago. 2018

CARVALHO, Francisco Geraldo Freitas. **Introdução à Metodologia do Estudo e do Trabalho Científico**. 1ª Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011. 120 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Tradução Angela M. S. Corrêa.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Renato Bueno da. **TV digital no Brasil: Tecnologia versus Política**. São Paulo: Senac, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. **Islã histórico e islamismo político**. Brasília: O Instituto da Cultura árabe, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2J7EyW2>> acesso: 13 ago. 2018.

GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. A análise de Dados em Pesquisa Qualitativa IV** Cap. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2q66wJf>> acesso: 14 set. 2018.

GUALBERTO, Marcio Alexandre M. **Mapa da Intolerância Religiosa -2011 Violação ao Direito de Culto no Brasil**. Brasil: Multiplike - Tecnologia | Informação | Comunicação, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2yU3Fpo>> acesso: 12 abr. 2017.

JERÓNIMO, Patrícia. O que é Intolerância Religiosa? **Intolerância, Religião e Liberdades individuais**. Lisboa: Escolar Editora, 2016.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islão: a afinidade entre os muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

LEÓN, Christian. Imagem, mídia e telecolonialidade: em direção a uma crítica descolonial dos estudos visuais: Instituto de Estética - Pontifícia Universidade Católica do Chile. **Scielo**, Chile, n. 51, p.109-123, jul. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2CVDFj1>> acesso: 14 ago. 2018.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Máquina Voadora Dg, 2011.

MARIZ, Cecília; OLIVEIRA, Vitória Peres de. A Adesão ao Islã: o discurso da ruptura e da continuidade. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 25, n. 1, p.78-106. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2pYXo90>> acesso: 24 ago. 2018.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

MARQUETTI, Flávia; FUNARI, Pedro Paulo A. Ritos e representações do paleolítico: uma leitura semiótica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 16, n. 1, p.154-180, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2S2Je3F>> acesso: 14 ago. 2018.

MAYARA, Claudia. Mapa da Intolerância Religiosa -2011 Violação ao Direito de Culto no Brasil. **Casos de Intolerância Religiosa**, Brasil: Multiplike - Tecnologia | Informação | Comunicação, p.82-89, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2yU3Fpo>> acesso: 12 de abr. 2018.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da corte de D. João VI no Brasil (1808-1821). **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 49, p.27-41, 2º sem. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2yM1aGT>> acesso: 10 de mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2q66wJf>> acesso: 14 set. 2018.

MIRANDA, Gustavo Lima de. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília–Uniceub, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2LeRwBH>> acesso:10 mar. 2017.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSK, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **Rac - Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p.731-747, jul./ago. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2P2AID7>> acesso em: 29 set. 2018.

NETO, António Rita. **DA CIDADANIA EM ÁFRICA À CIDADANIA AFRICANA CIDADE, CIDADANIA E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL EM ANGOLA**. 2014. 323 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Cidadania e Relações Internacionais, Universidade Lusófona do Porto Departamento de Ciências Políticas, Porto, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2yOILu3>> acesso: 23 out. 2018.

REZENDE, Dannyel Brunno Herculano. **VIDEOPOLÍTICA: JORNALISMO, DISCURSO E PODER EM SUA TV**. Curitiba: Appris, 2016.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A implantação e o crescimento do islã no Brasil. **Estudos de Religião**: Estudos de Religião, São Paulo, v. 26, n. 43, p.106-135, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2yysIm6>> acesso: 13 ago. 2018.

RICHARDSON, Harry. **A História de Moamé: O Islã sem Segredos**. São Paulo: Createspace Independent Publishing Platform, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2J3QMPk>> acesso: 13 ago. 2018.

RODRIGUES, Manuel. **O MUNDO ÁRABE E ISLÂMICO**. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 1980. Disponível em: <<https://bit.ly/2q1wxsS>> acesso: 14 ago. 2018.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. Sa, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2Crddgd>> acesso: 14 jul. 2018.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p.1-14, abr. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2pYwON9>> acesso: 14 ago. 2018.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIEGAS, Fátima. O que é Intolerância Religiosa? **A Intolerância Religiosa Enquanto Processo de Destruição do Outro**. Lisboa: Escolar Editora, 2016.

ZAHREDDINE, Danny. **O que é Intolerância Religiosa?** Lisboa: Escolar Editora, 2016.